

# voltou-se o feitiço...

conto de Maria Amélia Rodrigues

O silêncio era interrompido, apenas, pelos nossos passos. Seguíamos em fila indiana, o Malôa na frente, eu no meio e, atrás de mim, o fiel Cufa.

Era meia noite, talvez.

Súbito o Malô parou, segredando:—Aqui, Senhor!

Estaquei, também, cheio de curiosidade e um assobio prolongado, saiu da boca grossa do «feiticeiro».

Estávamos debaixo de uma árvore frondosa.

Na nossa frente, estendia-se, interminável, a planície, onde o «capim», mais alto que um homem, principiava a ondular, ao sabor do vento prenunciador de tempestade.

O perfume do mato, tomou-nos, insidiosamente, a pituitária.

Os relâmpagos sucediam-se, cada vez mais frequentes, dando ao quadro uma luz irreal de pintura caluniada, quando a chamamos fantástica.

Ninguém, nada, respondera ao apelo de Malôa.

Ele tornou a assobiar, uma, duas, três vezes.

Então, ao longe, outros assobios ouvimos. Assobios que vinham a aproximar-se.

Cada vez mais.

Cada vez mais...

—Senhor! Garra bem cabaça e esse zebra. Feiticeira vem caminho...

—Não te aflijas! Apanhas 10 libras! Se não vierem... o mal é para ti...

Para não oferecer desculpa a Malôa, sujeitara-me a várias cerimônias: lavara as faces com água e suco de várias plantas e tinha as pálpebras e as articulações untadas com óleo de ricino.

Na mão esquerda conservara uma cabaça do mesmo óleo... e de amuletos. Na direita, agarrava uns pêlos de zebra, pingando gordura!...

Ao que a curiosidade me levava!!

A curiosidade, só? Preciso é fazer justiça a mim mesmo!

Mais do que a vontade de desmascarar Malôa, havia o empenho generoso, de chamar à vida, à Vida Civilizada, o pobre Chefe da Estação Telegráfica, que não obstante ser europeu, se cafirealizara a ponto, de até acreditar em feitiços, como o mais boçal de todos os pretos e, como eles, andar na prática de singulares ritos!

Estávamos então em 1904, quando era heroico ainda, vir para Africa.

—Feiticeira!—exclamara ao meu lado a voz abafada de Cufa.

Atentei na planície, que tinha o aspecto de mar encapelado, verde e prata, à luz ofuscante dos relâmpagos. A essa mesma luz, vi três silhuetas negras, agitando os braços.

Até nós chegava o som metálico das pulseiras de latão que, certamente, as adornavam.

—Malôa! Chama-as!—impôs.

—Que venham aqui!

Ele obedeceu. Mas as «feiticeiras» negaram-se...

—Então?—preguntei de sobrececho carregado.—Não vi as «feiticeiras»!

—Senhor! Cufa comeu peixe *munimuni*. Quando gente come *munimuni*, feiticeira foge de mão de meu, como esse peixe, mesmo! Cufa tem culpa! Senhor! Eu não tem!

Dando-lhe um encontrão, comeci a correr atrás dos vultos de mulher. O capim tanto me chegava aos ombros, como descia até à cintura. Eu procurava não fazer barulho. Cada vez mais perto de mim, as «feiticeiras» agitavam os braços, descuidadamente. Ia atingi-las. Malôa, porém, lançou um grito arrepiante. E depois, como sufocado, gorgolejava:—«Nhoca! Senhor! Nhoca!»—Cobra! Senhor! Cobra!

Aquele grito, despertou todos os meus sentimentos de solidariedade humana.

Arrepiei caminho, em socorro do desgraçado, que imaginava ir encontrar a debater-se, talvez, no abraço monstruoso de alguma giboiã!

Mas não houvera, cobra nenhuma!

Cufa não a vira! Sómente Malôa jurava pelos seus antepassados e pelo «pondoro» (1), que enorme «sato» (2) se dirigia para ele, quando gritou. Vendo então a cabaça e os pêlos de zebra que eu deixara no chão, a eles se agarrara e a giboiã afastara-se, para o lado para onde eu corria. Por tal me prevenira, também...

Malôa era, sem dúvida, um negro inteligente. Calculara a minha reacção ante o grito angustiante.

—Olha!—preveni ameaçador.—Vamos embora hoje! Se amanhã não vir as «feiticeiras», como te estou vendo, escangalho-te, patife!

A tremer, num grande ar de humildade, Malôa assegurou que, na noite seguinte, eu veria as feiticeiras, com certeza!

Ao longe, elas riam e chacoteavam. Comecei a andar a passos largos, em direcção a casa.

Passámos junto ao acampa-

mento dos trabalhadores. Perguntei a Malôa se estes nos não viam, nem tinham ouvido a conversa com as mulheres. Respondeu que não, pois que as lavagens a que me prestara e o óleo de ricino, mais os pêlos de zebra e a cabaça, nos garantiam a invisibilidade!!!

A invisibilidade!! Que grande dom! Mas se Malôa pudesse conceder-me, em lugar de 10 libras, dar-lhe-ia uma fortuna! Seria eu o Senhor da Paz universal!

Desfaria todas as intrigas diplomáticas, impossibilitaria as guerras, a todos daria trabalho e, portanto, bem-estar!

Que pena ser um parlapatão, o Malôa! Que pena!

Contonnávamos a floresta agora, para fugirmos à queimada.

As queimadas em Africa, são espectáculo digno de ver-se! Tudo arde! Tudo! A erva rasteira, como as árvores seculares, que riscam, na noite, imagens alucinantes! São ruínas incandescentes, de edificios alterosos, são braços gigantes, que se abatem! As florestas gemem, torturadas, desfazendo-se em montões de cinza criadora.

A's vezes, aqui e ali, ficam erguidos, agressivos tições que, à luz sinistra do fogo, tomam aspectos medonhos!

Pobres árvores! Pobres! Se elas davam sombra, se embalavam os ninhos, se não faziam mal a ninguém!

Chegámos, finalmente, a casa.

Sentia-me aborrecido pelo efeito que ia causar no pobre Chefe da Estação, o meu insucesso dessa noite.

Parecia-me ouvir, já o seu:—Vê? Eu não lhe dizia?

Mas a chuva caindo estrepitosa, porém monotonicamente, refrescara a noite e eu estava cansado.

Adormeci.

No dia seguinte, mandei chamar um «cipal» (3), de nome Botão (que de botão só tinha o nome, pois era alto, forte e temido no acampamento) e perguntei-lhe:—Tens medo de «feiticeiras»?

O homem olhou para mim, com uma expressão em que havia riso, curiosidade e espanto pela pergunta feita e respondeu que não tinha, medo nenhum! Se eu quizesse, que me acompanhava! Expliquei-lhe, que não era da companhia dele que precisava, mas que subisse a determinada árvore e que ali observasse o que se passaria entre mim o Cufa e Malôa e as mulheres. Eu

chama-lo-ia, se fosse caso disso.

Ao anoitecer, convidei o Malôa para nova excursão, em procura das «feiticeiras»...

Desta vez, porém, ele dirigia-se para outro lado, mas receando que não fôsse para a encruzilhada onde se encontrava o Botão empoleirado na árvore, perguntei:

—As «feiticeiras» aqui não gostam destes sitios?

Malôa respondeu afirmativamente.

—Chama-as, então.

Ele chamou.

Ouviu-se um regongar.

—«Candué» (4) sózinho de noite, não pode! Tem dono com ela.—E gritando—Mbane? Mbane? Mbane? (Quem é? Quem é? Quem é?)

Vozes esgançadas, responderam:

—Chinanaze!

—Maziamanga!

—Pungatete!

—Catoia!

—Venham cá!

Ninguém respondeu, nem houve movimento.

Pouco depois, ouvimos três gargalhadas que imitavam, perfeitamente, as das hienas. Não havia dúvida que se tratava das «feiticeiras», pois que até andavam com os seus bichos preferidos!

—Ainda não as vi como te estou vendo, patife!

Malô teve um olhar esgançado e apontou para a planície.

—Fogo do cemitério, Senhor!

—Eu dou-te o «cemitério»! Chama as raparigas!...

Mas as «feiticeiras» foram-se afastando, o que se conhecia pelo regongar cada vez mais longínquo, pelas gargalhadas menos distintas...

Malôa desculpa-se, dizendo ir fazer um feitiço, no dia seguinte, para perguntar aos seus espíritos, porque fugiam as feiticeiras. Pingi aceitar a plataforma e fui-me afastando da árvore onde estava o Botão.

A uns cinquenta metros, talvez, convidei o «feiticeiro» a fazer novo chamamento. Recusou-se.

—Está bem. Vou eu chamar! e assobie!

Imediatamente, um assobio responde ao meu. Mas esse vierá do alto, onde não costumam parrar as bruxas... Assobie de novo. A resposta foi pronta, outra vez, mas soava de mais perto da terra...

(Continua na página 10)